

EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA ZÉ MARIA DO TOMÉ/CE

Thomáz Augusto Sobral Pinho ¹
Victor Leonardo Silva ²

INTRODUÇÃO

A educação do campo se caracteriza como uma forma de resistência frente ao avanço da modernização no campo. Tal ofensiva tem o agronegócio como ator principal, o qual ganha força na metade do século XX, marcado pela inserção de novas tecnologias nas zonas rurais visando um aumento na produtividade e, conseqüentemente, no acúmulo de capital. Em contrapartida, paralelo a tecnificação do campo, diversas práticas históricas camponesas foram perdidas ou inviabilizadas. Nesse contexto, é importante que esse modelo de educação, marcado por suas singularidades, resgate as práticas e a identidade do povo camponês, além de valorizar e enriquecer ainda mais a cultura do campesinato (RODRIGUES et al., 2017, p. 3).

Durante o período da Ditadura Militar no Brasil, diante de um cenário de aplicação de políticas públicas no campo centrado quase que exclusivamente para a produção agropecuária e no modelo de agricultura de monoculturas voltado, sobretudo, para o mercado externo, as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) começam a ser implantadas no país (ARAÚJO, 2005, p.91). As EFAs buscam valorizar as vivências cotidianas dos estudantes e dos seus familiares, propondo práticas que estimulem o trabalho no campo e valorizem a cultura e o modo de vida inerente ao espaço (CERQUEIRA et al., 2012, p.1). Uma das principais metas é garantir o desenvolvimento das comunidades, respeitando os limites do ambiente e evitando a perda da identidade dos jovens com o campo.

Como um dos princípios básicos das Escolas Famílias Agrícolas, tem-se a metodologia da Pedagogia da Alternância, a qual é caracterizada pela intercalação entre períodos de vivência em sala de aula e, em outro momento, com a comunidade. A finalidade dessa pedagogia é, por um lado, garantir a formação integral da pessoa, mediante a educação e a inserção socioprofissional e, paralelamente, contribuir com o desenvolvimento da comunidade (GIMONET, 2007, p.28). Esse preceito busca passar a mensagem que a vivência no campo é, também, uma forma continuada dos processos de ensino e aprendizagem.

O presente estudo é resultado de uma vivência na Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, situada na cidade de Tabuleiro do Norte, no estado do Ceará, realizada no primeiro semestre de 2019, tendo como objetivos, refletir acerca da dinâmica da educação do campo, assim como compreender a aplicabilidade da Pedagogia da Alternância, tomando como referência as experiências na instituição supracitada. A região do Vale do Jaguaribe, onde a escola está localizada, é uma área que foi apropriada através de ações hegemônicas, configurando um território que está em constante disputa (ARAÚJO, 2016, p. 223). Tal conflito se caracteriza por visões distintas acerca da terra. De um lado, o campesinato tem uma noção de terra enquanto fonte de subsistência familiar e de manutenção de suas tradições, enquanto para o agronegócio a terra é um espaço de produção, marcada por relações capitalistas.

¹ Graduando do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pinhothomaz10@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, victorleonardosilva1@gmail.com;

METODOLOGIA

O estudo tem como base os resultados obtidos em uma visita realizada na Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, no Ceará, em março de 2019, como roteiro de aula de campo da disciplina Geografia Agrária, do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, onde, por meio das experiências com as atividades adotadas no âmbito escolar, foi possível entender o cotidiano da instituição, assim como a implantação e funcionamento das EFAs no Brasil. Além disso, o diálogo com alunos, profissionais, colaboradores e com moradores da comunidade Olho D'água dos Currais, localizada nas proximidades da escola, revelou os resultados da aplicação do princípio da Pedagogia da Alternância, uma vez que ficou evidenciado que a escola e a comunidade possui uma relação mútua de importância uma para com a outra.

Para embasar os resultados obtidos em observações de campo, foi realizada uma revisão de literatura, mediante a análise de produções científicas online, que englobou o histórico de implantação das EFAs e da Pedagogia da Alternância no Brasil, além das conceituações empregadas a esses modelos de educação e de pedagogia, permitindo compreender as suas aplicabilidades, garantindo maior credibilidade ao estudo. O levantamento bibliográfico compreendeu, também, os temas da agroecologia e educação do campo.

DESENVOLVIMENTO

A modernização do campo, a qual carrega uma ideia de progresso, resulta, em maior ou menor grau, na degradação ou na inviabilidade de hábitos tradicionais do campesinato, os quais historicamente são repassados por gerações, além de impactar negativamente o meio ambiente. Frente a esse processo de tecnificação das práticas desenvolvidas nas áreas rurais, a educação do campo surge como uma forma de resistência e de valorização da identidade daquele povo, garantindo o acesso da população de zonas rurais a uma educação do e no campo. Caldart (2002, p.26), destaca que a educação do campo:

é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. [...] não pode ser tratada como serviço, nem como política compensatória; muito menos como mercadoria. (CALDART, 2002, p. 26).

Esse modelo educacional defende um processo de educação intrinsecamente vinculado aos traços culturais e as necessidades locais, sendo pensado a partir do lugar de vivência dos educandos e para quem está inserido naquele espaço. É importante pensar em uma política de educação que tenha como uma das preocupações a forma de se educar os sujeitos que são detentores do direito de uma educação que considera as singularidades do campo (SILVA, 2010, p.181-182). Tal necessidade é correspondida no artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9.394/1998, a qual estabelece as seguintes normas:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I -conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II-organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III-adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL,1996).

A denominação ‘educação do campo’ não está ligada somente ao fator da localização afastada dos centros urbanos, mas estando relacionada diretamente aos aspectos culturais e cotidianos adotados nas áreas rurais, considerando as peculiaridades de um público alvo específico.

Aliado ao processo de resgate da identidade do campo através da educação, as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) surgem por meio de uma insatisfação com o sistema educacional que não atende às especificidades do campo, buscando imprimir, a partir de então, um novo conceito de escola que está totalmente vinculada aos princípios da vida no campo. As EFAs possuem uma proposta educativa que busca o desenvolvimento do espaço rural de forma sustentável, estando sustentada nos pilares da Pedagogia da Alternância, da participação das famílias na condução da instituição, da formação integral dos estudantes e no desenvolvimento do meio (CERQUEIRA et al., 2012, p.3).

Dentre os quatro pilares destacados acima, a ênfase principal do estudo é no da Pedagogia da Alternância. Essa pedagogia caracteriza-se como uma proposta educacional que visa atender, respeitar e valorizar os saberes presentes no meio rural, considerando como parte dos processos de ensino e aprendizagem a escola, a família e a comunidade, instâncias as quais contribuem com a construção e difusão dos conhecimentos (VIZOLLI et al., 2018, p.3). A Pedagogia da Alternância alterna a formação entre momentos de vivência no espaço escolar e com um período de contato dos educandos com as suas família e comunidades.

Na Pedagogia da Alternância, o educando e a realidade do lugar de onde ele vem são pontos-chave dos processos de ensino e aprendizagem, os quais se utilizam de uma variedade de propostas metodológicas que buscam construir um elo com a comunidade. Essas metodologias estão inseridas nos planos de ação de cada instituição, os quais são singulares e variam de acordo com o contexto social, político, econômico e cultural de cada localidade (VIZZOLLI et al., 2018, p.4).

No contexto das EFAs, os alunos passam duas semanas compartilhando experiências no ambiente escolar, a partir de uma formação que engloba conteúdos previstos para o Ensino Médio e uma base técnica em Agropecuária, e outras duas em contato com a família e a comunidade, colocando em prática o que vem sendo desenvolvido nas escolas e levando a sua contribuição para o território. Nessa alternância “ocorre uma formação contínua na descontinuidade das atividades” (GIMONET, 2007, p.29).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados trabalhados no presente estudo foram obtidos em visita realizada na Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, localizada na cidade de Tabuleiro do Norte, Região do Vale do Jaguaribe, no estado do Ceará, em março de 2019. A princípio, é importante ressaltar a gênese do nome da instituição. A escola homenageia Zé Maria do Tomé, trabalhador rural, líder comunitário e ambientalista que lutava contra a pulverização aérea, a contaminação da água resultante deste processo, a expulsão de agricultores e contra a grilagem de terras públicas no perímetros irrigado Jaguaribe/Apodi, sendo executado em abril de 2010 na cidade de Limoeiro do Norte. Zé Maria tornou-se símbolo de resistência contra os malefícios trazidos pelo agronegócio, inspirando diversas pessoas a lutarem em prol do meio ambiente e das sociedades camponesas.

Carregando o legado deixado por Zé Maria do Tomé, a EFA Jaguaribana dá os seus primeiros passos em 2016, possuindo como objetivo central facilitar os meios de formação adequados à juventude camponesa, tornando-a protagonista em seu desenvolvimento mediante uma formação integral, a qual considera os aspectos profissionais, intelectuais, humanos, socioeconômicos, ecológicos e espirituais.

A escola é gerida pela Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana (AEFAJA), a qual é composta pelas famílias dos educandos, instituições parceiras, lideranças de movimentos

sociais e por agentes de pastoral. A associação funciona como um canal de participação e gestão da instituição pelas famílias e comunidade. No que tange ao processo de formação, os alunos convivem com as disciplinas previstas no modelo de Ensino Médio comum e com uma base técnica em Agropecuária. A instituição é autointitulada como escola comunitária, uma vez que foi construída e funciona em conjunto com a população.

A escola busca ser um espaço de educação do e no campo, promovendo uma formação reflexiva, crítica, libertadora e solidária. O princípio que está no centro da EFA Jaguaribana é o da agroecologia, aplicada como uma forma de resgate de saberes tradicionais do campesinato, estabelecendo maneiras sustentáveis de produção que visam superar o trabalho degradante trazido pelo agronegócio. O desenvolvimento agroecológico busca fomentar um sentimento de pertencimento dos indivíduos para com o meio ambiente, destacando a relação do homem com o meio, valorizando os saberes locais e objetivando a sustentabilidade (GLIESSMAN, 2005, P.54).

A EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé adota a Pedagogia da Alternância como uma possibilidade de educação inclusiva, adaptada ao semiárido, e transformadora dos jovens e suas famílias. Os educandos passam quinze dias na escola e a outra quinzena em casa, tendo contato com a família e a comunidade. No meio escolar, os alunos refletem a partir das vivências do cotidiano e da realidade do lugar de onde eles vêm. Essa prática pedagógica configura-se como uma outra forma de aprender e de se desenvolver, a qual associa teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender em um mesmo processo (GIMONET, 1999, p. 44). O autor complementa destacando a alternância como “uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos de experiências, colocando assim a experiência antes do conceito”.

No contexto de um contato com a comunidade, impulsionado pela Pedagogia da Alternância, verifica-se uma boa relação entre a escola supracitada e a comunidade Olho D’água dos currais, localizada próxima à instituição, a qual participa de ações realizadas pela EFA Jaguaribana e possui papel importante na construção e troca dos conhecimentos populares e científicos. Essa valorização do conhecimento popular e o processo de troca com as comunidades são pilares da agroecologia, que resulta em um fortalecimento da relação escola-comunidade (PRATES et al., 2016, p. 6).

A formação dos jovens na Pedagogia da Alternância objetiva fortalecer o diálogo entre os diferentes atores que estão presentes na formação dos educandos (JESUS, 2011, p.4). Esse processo de alternância, além de servir como uma forma de o educando compreender o modo de vida e a cultura local, é uma maneira de resgatar uma identidade que vem sendo destruída com a substituição de práticas tradicionais no processo de modernização do meio rural. Ademais, estimular nos jovens um sentimento de pertencimento àquela região e cultura, configura-se como um mecanismo que pode resultar em uma diminuição do processo migratório do campo para os centros urbanos.

Os quinze dias passados no âmbito escolar, é um momento de refletir e aprofundar-se em questões que, futuramente, possam resultar no desenvolvimento do território, marcado por um fortalecimento das práticas camponesas e da agricultura familiar. Na quinzena em que os educandos entram em contato com a comunidade, é uma oportunidade de confrontar a teoria, assimilada na escola, com a prática (JESUS, 2011, p. 4). Ou seja, por meio do contato, os alunos observam, pesquisam, colocam em prática o que vem sendo aprendido no espaço escolar, realizam trocas com a comunidade e constroem novas reflexões para serem destrinchadas nas vivências escolares. A aplicação da Pedagogia da Alternância, assim como já destacado, é um processo contínuo (GIMONET, 2007, p.29).

É preciso pensar o campo não apenas na perspectiva da produção, mas considerando-o como um espaço de luta, de diversidade cultural, de práticas históricas, assim como um espaço de contradições e disputas territoriais (JESUS, 2011, p.4). E, nesse contexto, a Pedagogia da

Alternância possui o trabalho de estimular nos indivíduos um sentimento de pertencimento para com o meio ambiente, levando à compreensão dos jovens que eles são agentes atuantes e que podem transformar o espaço. Inspirando-se em Zé Maria do Tomé, a EFA Jaguaribana promove um movimento de resistência contra a expansão do agronegócio na região, tendo como protagonistas os próprios educandos, que refletem acerca de questões que estão presentes no meio rural e partilham o sentimento de luta com a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe no imaginário de uma parcela da sociedade brasileira uma construção pejorativa para com o campo, considerando-o como um lugar representativo do atraso. Tal imagem contribui diretamente com o descaso do Estado no que tange às políticas públicas voltadas para a garantia do bem-estar das populações de zonas rurais. Nesse contexto, a educação do campo se fortalece na tentativa de substituir essa representação depreciativa da vida no campo por uma que valorize os sujeitos e a diversidade cultural existente naquele meio. Além disso, através de um processo que estimula refletir acerca de problemáticas que afetam o cotidiano no campo, essa prática educacional preocupa-se com a formação dos sujeitos enquanto cidadãos críticos que se sintam pertencentes ao meio e, paralelamente, se descubram como agentes transformadores do espaço. Busca-se, portanto, um processo educacional que articule a comunidade escolar na compreensão das suas histórias e do seu território, da sua cultura e que resistam frente ao individualismo e autoritarismo.

Conclui-se que a educação do campo é uma conquista de um povo que necessita de um processo educacional que respeite as singularidades do seu espaço, sua cultura e suas práticas tradicionais. Esse conceito de educação surge visando a garantia de melhores condições de vida para a população camponesa, almejando impulsionar nos indivíduos o desejo de permanecer no campo (RODRIGUES, et al., 2017, p.13). Ou seja, procura-se garantir ao educando do meio rural o direito de ser educado no seu lugar, considerando as peculiaridades do seu cotidiano, não necessitando migrar para os centros urbanos em busca de novas oportunidades.

No que tange à adoção da Pedagogia da Alternância, nota-se uma preocupação em pensar o campo a partir de uma perspectiva crítica e de formar indivíduos que contestem a maneira de aplicação dos novos projetos agrícolas hegemônicos que degradam as tradições do campesinato e as inferiorizam. A prática da alternância configura-se como uma constante troca de conhecimentos, tanto científicos, quanto populares. Essa pedagogia passa ao povo do campo uma mensagem de valorização dos seus saberes, salientando que são relevantes, assim como qualquer outro conhecimento produzido pela ciência. Ademais, vale destacar o quanto é importante levar para o espaço escolar a(s) realidade(s) do espaço vivido pelos sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, assim como outros problemas compartilhados historicamente e socialmente. Em outras palavras, mediante a compreensão do lugar onde se vive, é possível construir um olhar mais crítico acerca das problemáticas existentes e, conseqüentemente, construir um sentimento de luta frente às injustiças sociais.

Palavras-chave: Educação do Campo; Pedagogia da Alternância; Agroecologia

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical – Bahia.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2005.

ARAÚJO, Sergiano de Lima. **O gosto amargo das frutas nas terras do senhor: a territorialização da produção capitalista e as disputas territoriais entre o agronegócio e o campesinato na região do Baixo Jaguaribe (CE) / Sergiano de Lima Araújo.** – 2016.246 f. : il. color.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CERQUEIRA, M. C. A. ; SANTOS, C. R. B. . **As Escolas Famílias Agrícolas, A Pedagogia da Alternância e o Caderno da Realidade.** In: I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns, 2012, Pelotas, RS. I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012. v. 01. p. 1-15.

GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e orientação.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: Alternância e Desenvolvimento, 1., 1999, Salvador. Anais... Salvador: Unefab, 1999. p. 39-48.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs.** Tradução Thierry de Bughgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris, 2007. (Coleção AIDEFA – Alternativas Internacionais em Desenvolvimento, Educação, Família e Alternância).

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.

JESUS, José Novais de . **A pedagogia da alternância e o debate da educação no/do campo no estado de Goiás.** Revista NERA (UNESP) , v. 18, p. 07-20, 2011.

PRATES-JÚNIOR, P.; CUSTÓDIO, A. M.; GOMES, T. O. **Agroecologia: reflexões teóricas e epistemológicas.** Revista Brasileira de Agroecologia, v. 11, n. 3, p. 246-258, 2016.

RODRIGUES, H.C.C. ; BONFIM, H. C. C. . **A educação do campo e seus aspectos legais.** In: EDUCERE - XIII Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas, 2017.

SILVA, Lourdes Helena da. **Concepções e práticas de alternâncias na educação do campo: dilemas e perspectivas.** Nuances, Presidente Prudente, v, 17, n. 18, p. 189-192, jun./dez. 2010.

VIZOLLI, IDEMAR ; AIRES, HELENA QUIRINO PORTO ; BARRETO, MYLENA GONÇALVES . **A Pedagogia da Alternância presente nos Projetos Político-Pedagógicos das Escolas Famílias Agrícolas do Tocantins.** EDUCAÇÃO E PESQUISA , v. 44, p. 01-17, 2018.